

FONSECA, Ailton Siqueira de Sousa. Hora de dar um tempo para si: o recolhimento em tempos de pandemia. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 19, n. 55, abril de 2020. Suplemento Especial – *Pensando a Pandemia à luz da Antropologia e da Sociologia das Emoções*, pp. 195-202, maio de 2020 - ISSN 1676-8965.

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

Hora de dar um tempo para si: o recolhimento em tempos de pandemia

Time to give oneself time: The recollection in times of pandemic

Ailton Siqueira de Sousa Fonseca

Recebido: 20.05.2020

Resumo: Esta breve palestra realizada no âmbito do projeto *UERN Talks* aborda os impactos da Pandemia de Coronavírus no cotidiano relacional, moral e emocional das pessoas comuns, interconectadas na aldeia global contemporânea regida pelas exigências do capitalismo. Nesse sentido, problematiza-se, em diálogo com pensadores do porte de Mandela, Raul Seixas, Bauman, Schopenhauer e outros, a noção de tempo, de pressa, de cansaço, de medo e de normose como pandemias sociais que, sob as circunstâncias de recolhimento social e individual como estratégias de enfrentamento da Pandemia de Covid-19, irrompem no tempo para si e de ser-com-o-outro. A pandemia de Coronavírus, assim, coloca o desafio do *recolhimento*, de *parar* e de construir novos paradigmas de ser e estar no mundo de modo mais solidário e menos solitário e individualista. **Palavras-chave:** pandemia, Covid-19, medo, normose, recolhimento

Abstract: This brief lecture held under the *UERN Talks* project addresses the impacts of the Coronavirus Pandemic on the relational, moral and emotional daily lives of ordinary people, interconnected in the contemporary global village governed by the demands of capitalism. In this sense, in a dialogue with thinkers of the size of Mandela, Raul Seixas, Bauman, Schopenhauer and others, the notion of time, haste, tiredness, fear and normosis as social pandemics that, under the circumstances of social and individual withdrawal as coping strategies for the Covid-19 Pandemic, break out in time for oneself and for being-with-the-other. The Coronavirus pandemic, therefore, poses the challenge of withdrawing, stopping and building new paradigms of being and being in the world more sympathetic and less lonely and individualistic. **Keywords:** Covid-19, pandemic, fear, normosis, withdrawal

Primeiramente, quero parabenizar o projeto *UERN Talks – Diálogos com a sociedade*, e agradecer ao convite para abrir esse projeto falando sobre “O recolhimento em tempos de pandemia”¹.

Meu lugar de fala

Qual é meu lugar de fala? Não sou um especialista em saúde pública, nem sou um médico; mas sou alguém que se apegava a algumas ideias e a muita busca de entendimento: busco entender o significado dessa crise para o sujeito. Parece que a atual situação nos obriga à reflexão sobre a seguinte questão: não é o que fazer com o

¹ Palestra proferida em 24 de março de 2020, às 18h, via transmissão ao vivo (*Live*) pelo Instagram.

Coronavírus, nem o que fazemos com ele, mas o que fazemos por causa dele. Outras questões nos são colocadas: o que essa crise nos diz? Em que ela nos obriga a pensar, e a repensar? Quais as implicações dela para nossas relações com os outros e com nós mesmos?

O novo é antigo

De partida, devemos alertar que aquilo que se apresenta como novo pode ser apenas o retorno do antigo, disfarçadamente ou renovado. Ao longo da história da humanidade presenciamos grandes epidemias. Bactérias, vírus, micróbios, vermes e outros micro-organismos já causaram estragos tão grandes à humanidade quanto guerras, maremotos, erupções de vulcões e outros desastres ecológicos.

A Peste Negra que assolou a Europa e a Ásia causou aproximadamente 50 milhões de mortos (1333 a 1350). A Cólera matou centenas de milhares (1817 a 1824). A Tuberculose levou 1 bilhão de pessoas a morte (1850 a 1950). A Varíola fez 300 milhões de mortos (1896 a 1980). Na Europa Oriental e na Rússia, a Tifo deixou 3 milhões de mortos (1918 a 1922). Na Etiópia, a Febre Amarela provocou 30 000 mortos (1960 a 1962). O Sarampo 6 milhões de mortos por ano (isso até 1963). A Malária, por sua vez, provocou aproximadamente 3 milhões de mortos por ano. A AIDS, desde 1981 já ocasionou a morte de mais de 22 milhões de pessoas. Podemos também citar a Ebola, a Dengue e a Gripe Espanhola (de 1918 a 1919) mataram 20 milhões pessoas e os sintomas eram extremamente parecidos com o Coronavírus de hoje. A contaminação se propagava pelo ar, por meio de gotículas de saliva e espirros e os sintomas eram fortes dores de cabeça e no corpo, calafrios e inchaço dos pulmões. Ou seja, a história da humanidade, num período ou noutro, é atacada por epidemias devastadoras da humanidade.

Nesse contexto, é importante fazermos uma diferença entre epidemia e pandemia. Epidemia é a elevação brusca, temporária e acima do esperado de uma doença em várias regiões próximas ou interligadas, como vários bairros de uma mesma cidade, vários estados de um mesmo país. Pandemia ocorre quando uma epidemia se espalha entre a população, atingindo grandes regiões geográficas, continentes ou todo o planeta²

Esse vírus não surgiu agora. Agora surgiu apenas outra mutação do Coronavírus, nomeada de COVID-19, uma mutação agressiva, forte, rápida e sem precedentes. Um vírus que se espalhou rapidamente pelo mundo devido ao nomadismo planetário da população que vive em um mundo para além das fronteiras. Sobretudo o nomadismo de uma classe social privilegiada: a classe média e alta não só do Brasil, mas do mundo todo.

A pandemia do Coronavírus não surge isoladamente. Ela é a expressão de um conjunto de outras crises: crise no sistema de saúde, crise cultural, crise política, crise social, crise subjetiva e existencial. Mas também e igualmente, uma crise de valores, da nossa forma de pensar, perceber, viver e ser-com-o-outro. Inicialmente, essa pandemia nos faz questionar a incapacidade de governança e a falta de visão global e cidadã de muitos governos atuais. Em um contexto como esse, quando um governo não percebe a gravidade de uma crise dessa natureza, o próprio governo já está em crise e não percebemos. De imediato, já podemos dizer: a crise na saúde pública não está separada da crise política em que vivemos, uma política que condena milhões de pessoas à

² Essa diferença pode ser encontrada nos dicionários ou em vários meios de comunicação. Para saber mais acesse: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/02/04/como-a-humanidade-enfrentou-as-epidemias-ao-longo-da-historia.htm>

pobreza, a desnutrição, aos maus-tratos, a fome, ao descaso, a falta de educação e saúde, a falta de dignidade. Estamos diante de uma pandemia do COVID-19 e de uma outra subjetiva: uma pandemia de medo.

Medo

Geralmente, o medo surge diante daquilo que não conhecemos, daquilo que nos ameaça. Como dizia o poeta e escritor Mia Couto (2011), o medo foi um dos nossos primeiros mestres, um dos professores da humanidade. *Ensinou-nos* a sermos prudentes, a pensar melhor, a conhecermos mais o que enfrentamos, a elaborar estratégias para nossa sobrevivência. Por outro lado, o medo também pode paralisar, inibir, bloquear, gerar violência, intolerância e gerar mais medo e atingirmos o pânico. Tudo depende do que fazemos com nossos medos. Podemos ter medo e aprendermos com ele para enfrentar o desconhecido, a ameaça. Ou podemos ser possuídos pelo medo e ele nos destruir. O momento parece exigir essa postura: ou controlamos ou somos controlados pelo nosso próprio medo.

O que a pandemia causa a mim? O que eu faço com ela?

O que é mais sintomático no medo é o fato dele nunca nascer sozinho. Geralmente, o medo vem acompanhado de angústia, de sensação de insegurança etc. Ao certo, o medo, sozinho, não gera necessariamente angústia. Mas a angústia gera, necessariamente, o medo. Se olharmos para as crises anteriores que citei, poderíamos dizer que as doenças de uma época dizem muito sobre a própria época e quem nós somos e como vivemos. Às vezes, mostram ou expõem nossos desejos inconscientes, nossas carências e fragilidades de lidar com nós mesmos e com os outros. As epidemias e as pandemias sempre mostram o que nós não queremos ver ou aquilo que nós vemos e não dávamos a devida atenção. De uma forma ou de outra, as crises vêm para reorientar, para alertar, para nos fazer questionar e resolver problemas fundamentais para o desenvolvimento humano.

As doenças podem ser vistas como metáforas daquilo que, silenciosamente, ou inconscientemente, acontecem em nosso íntimo. Vejo *essa pandemia como um mal-estar da civilização contemporânea*. Uma civilização que não superou as necessidades básicas, que não valorizou o homem acima da máquina, que não investiu numa ciência técnica e humanista, numa sociedade do bem-estar social. Penso que o problema não é o vírus em si, mas a forma como reagimos a ele, como ele afeta o nosso comportamento, os nossos valores, as nossas relações, os nossos afetos; como ele faz a gente refazer o que estávamos acostumados a fazer como certo.

É sabido que vivemos em um mundo que, orgulhosamente, chamava-se de “mundo sem fronteiras”, conectado, interligado. Um mundo sem limites claros e definidos. Dizíamos até que, nesse mundo, tudo depende de tudo. Como poderíamos acreditar que uma crise que começou na China não chegaria aqui? Como não ser afetado por aquilo que acontece do outro lado do mundo se o outro lado do mundo também está dentro de minha casa?

Essa crise está fazendo a gente viver nossas próprias ideias. Deixamos de viver em cidades e países separados e passamos a viver numa mesma aldeia: aldeia global. Isso pode ser a raiz de uma nova consciência planetária: estamos todos diante dos mesmos desafios. Então, aquilo que acontece com um, acontece com todos. Queiramos ou não, moramos todos nós na mesma casa e os problemas dessa casa devem ser resolvidos por nós mesmos. A crise nos convoca a pensar e criar novas formas de ser, de sentir, de olhar e de fazer as coisas. Estamos todos nós mais ligados uns aos outros do que a nós mesmos, muitas vezes.

Vivíamos em uma cultura da rapidez, da eficácia, em um mundo que nos colocava, diariamente, a tarefa de dominar os conhecimentos sobre o que acontecia; que constantemente nos colocava a necessidade de não pensarmos em nossas vidas e nos preocuparmos com as demandas do trabalho, do país, dos outros etc. Nosso corpo estava aqui, mas nossos pensamentos estavam no trabalho, nas viagens. Nosso corpo aqui, mas nossos sentimentos acolá, longe de nós. Nosso corpo aqui, mas sentindo-nos ameaçados pelo que está longe. Nosso corpo aqui, mas vivendo no passado (depressão) ou no futuro (ansiedade), em outro lugar. O nosso *aqui* era sempre um *acolá*. O *acolá* era sempre nosso aqui. Estávamos aqui com a cabeça em outro lugar. Estávamos em outro lugar com a cabeça aqui. Nunca estávamos onde estávamos. Aqui e acolá não tinham mais tantas diferenças, não eram mais tempos tão distintos.

O Coronavírus nos obriga a ficarmos onde estamos. Faz-nos deixar de acreditar que o mundo nos chama, porque agora o único chamado que nos acalma é o chamado para casa, lugar onde tudo começou. Nesse momento, o que mais desejamos é uma palavra que nos leve para casa, um motivo que nos leve para perto de quem amamos. Mas isso nos coloca diante de um paradoxo: não podemos ficar perto demais de nossos amores. E não podemos ficar longe demais uns dos outros. Chegou o tempo no qual vivemos, na vida cotidiana, a metáfora do porco-espinho da qual falava Arthur Schopenhauer (*apud* FREUD, 2011, p. 56):

Num dia frio de inverno, um grupo de porcos-espinhos se aconchegou bastante, para se esquentarem mutuamente e não morrerem de frio. Contudo, logo sentiram os espinhos uns dos outros, o que os fez novamente se afastarem. E quando a necessidade de aquecimento os aproximava de novo, repetia-se o segundo mal, de modo que eram impelidos de um sofrimento para o outro, até acharem uma distância média que lhes permitisse suportar o fato da melhor maneira.

Essa realidade exige de cada um nós repensar nosso lugar no mundo e diante do outro. Sobretudo, um meio de lidar melhor com nossos afetos, desafetos e subjetividades. Dentre eles, destaco o medo como outra pandemia que estamos vivendo dentro dessa epidemia virótica. O Coronavírus expôs nossos medos mais arcaicos: medo da morte, da solidão, de perdermos quem amamos; medo de sairmos de casa e não voltarmos, medo do desconhecido, medo de sermos quem somos e o próprio medo de sentirmos.

Por outro lado, e complementar ao que falei anteriormente, já tínhamos, latentes em nós, uma tendência planetária ao distanciamento do outro, do diferente. Por causa disso, vimos o fechamento de fronteiras no mundo inteiro. A Europa se fechando aos refugiados africanos e asiáticos. Os EUA se fechando a outros países da América, para citar somente dois casos. De forma mais específica, vemos, hoje, os estados e municípios colocarem fronteiras entre seus vizinhos. Apesar dessas medidas, mais cedo ou mais tarde, se tornarem falha, fechar-se parece ter sido uma ação recorrente para se proteger de ameaças externas a nós.

Essa pandemia expõe nosso desejo inconsciente de segurança, de construir fronteiras, de retornarmos ao lar, de termos mais tempo para ficarmos em casa. Penso que “o Coronavírus será a metáfora da resistência à ampliação do mundo”, como diz o psicanalista Contardo Calligaris (2020). É um ataque ao capitalismo sem fronteiras, um ataque ao consumismo exagerado, a esse mundo que juntou tudo e não uniu ninguém.

Fico me perguntando: será que estamos realmente com tanto medo do Coronavírus ou com o medo de não sabermos lidar com nós mesmos? Questiono porque estamos tendo agora tudo que pedíamos há pouco tempo atrás: não trabalharmos tanto, temos mais tempo, mais sossego, ficarmos mais perto das pessoas que a gente diz amar,

mais tempo para cuidar do lar. Estamos tendo tudo isso e vemos que a violência nas ruas diminuiu, a poluição nas grandes cidades reduziu, os congestionamentos de trânsito e estresse do trabalho desapareceram. Temos o que tanto desejávamos. E não estamos felizes.

Mas ainda há algo que inquieta, incomoda, que não tranquiliza e não dá prazer às pessoas, mesmo a elas que tanto pediam há pouco tempo atrás. Os problemas familiares cresceram, os desafios de viver-juntos aumentaram; o que fazer em casa se tornou outra crise. É esse novo contexto que vemos surgir campanhas para as pessoas ficarem em casa (como se ficar em casa fosse sacrifício); assistimos à criação de redes de solidariedades e de assistências psicológicas, porque as pessoas não sabem o que fazerem umas com as outras e muito menos consigo mesmas. Tudo nos diz que temos um inimigo biológico fora da gente que nos ameaça constantemente. E um inimigo, um interno, dentro de nós, que não sabemos como enfrentá-lo.

A pandemia diz que, no fundo, no fundo, o homem sempre foi um problema para ele mesmo. Hoje, talvez mais que antes, estamos carentes de nós mesmos. Esta pandemia diz que estamos cansados de vivermos num mundo do trabalho, num mundo que nos afasta de casa, dos amigos, da família, que não nos dar tempo para vivermos nossos amores, nossos sentimentos, nosso ócio. Vivemos em uma sociedade cansada, esgotada pela exploração, por políticas desumanas, pela dominação do capital; um mundo no qual tudo tem preço e nada tem valor.

Antes dizíamos que faltava tempo para nós, para nossos filhos, para tudo, porque apostávamos na corrida para passar na frente dos outros, para chegar primeiro, para acumular dinheiro, para consumir. Acreditávamos que, com isso, obteríamos abundância, riquezas, sucesso e felicidade. Talvez hoje estejamos pagando o preço disso tudo, pagando o preço de não termos dado valor às coisas do coração e do cotidiano, aos gestos de solidariedades, de afetos e sensibilidades, às pequenas coisas da vida que não tem preços. Hoje temos tempo de sobra. Portanto, a questão não é mais o que eu faço com a falta do tempo. Mas o que eu faço com o excesso de tempo? Se não estou mais comprando, consumindo, investindo, vendendo, trabalhando como máquina, o que me sobrou além dos preços? Que valores sobraram na minha vida? O que eu faço com a vida que eu tanto pedia para viver?

Quando o Coronavírus parou o mundo, foi o homem que entrou em crise de si mesmo: o que vou fazer em um mundo parado? A crise de não ter referências, de não ter orientação, de não ter modelos nem perspectivas de saídas. Aliás, parece que a saída é não sair. Precisou passar muitos anos para sabermos que aquele “sonho de sonhador maluco” cantado por Raul Seixas, na música “*No dia que a terra parou*”³, não foi um sonho, mas uma antecipação de realidade. Diz uma parte da música:

Foi assim
 No dia em que todas as pessoas
 Do planeta inteiro
 Resolveram que ninguém ia sair de casa...
 O empregado não saiu pro seu trabalho
 Pois sabia que o patrão também não 'tava lá
 Dona de casa não saiu pra comprar pão
 Pois sabia que o padeiro também não 'tava lá
 E o guarda não saiu para prender
 Pois sabia que o ladrão, também não 'tava lá
 E o ladrão não saiu para roubar

³ A letra completa dessa música pode ser encontrada em: <https://www.vagalume.com.br/raul-seixas/o-dia-em-que-a-terra-parou.html>

Pois sabia que não ia ter onde gastar
 No dia em que a Terra parou, eh, eh...
 O comandante não saiu para o quartel
 Pois sabia que o soldado também não 'tava lá
 E o soldado não saiu pra ir pra guerra
 Pois sabia que o inimigo também não 'tava lá...
 No dia em que a Terra parou, eh, eh...

O cantor só não antecipou o que faria a terra parar. O mundo parou, está parado. Hoje estamos aprendendo novas lições: parar é a única maneira de a gente caminhar, do mundo voltar a andar. É parando que conseguiremos caminhar. É parado que venceremos essa guerra. Algo que nos lembra os ensinamentos de Mandela e de tantos outros que falaram de uma cultura da paz: para acabarmos com a guerra, precisamos estar em paz conosco. O pensador Krishnamurti já tinha nos dito que tudo isso só pode ser modificado de forma duradoura se cada um de nós mudarmos, porque nós somos parte do mundo que nós mesmos construímos. Somos uma parte do mundo que nós mesmos queremos ver acontecer (Krishnamurti, s.d. p. 35). Essa pandemia inverteu a máxima que dizia “mude o mundo para mudarmos de vida”. Agora sabemos que só podemos mudar o mundo se mudarmos o que fazemos, o que somos com-os-outros, as nossas relações e nossos afetos. O mundo exige que paguemos o preço de voltarmos a revalorizar as coisas que estavam desvalorizadas pelo mercado, pelos sistemas, pelas negociações, pelas finanças e políticas.

Viver isolado

As relações estão passando por um teste de resistência. Quais relações irão sobreviver a esse distanciamento físico, sobretudo em nossa realidade que tínhamos o costume da presença, que buscávamos o contato direto, mesmo que, muitas vezes, impessoal? Parece que o momento pede que a gente invente e construa outra forma de se relacionar e de compreender. Precisamos compreender que, hoje, estar separado dos outros é uma forma de nos mantermos ligados a eles no futuro. Igualmente, precisamos ensaiar outras formas de conviver e se relacionar consigo mesmo, momento de voltar a si para nos reinventar e saber lidar com nossos afetos, porque isso é o que importa.

Tudo indica que precisamos dar outras interpretações sobre o nosso estado atual. Penso que não estamos vivendo uma fase de isolamento social, nem de confinamento, porque essas nomenclaturas trazem um significado popular de “punição”, de “perda de liberdade”, de “restrições pessoais”. Tudo me leva a dizer que estamos vivendo uma fase de recolhimento social. O que significa dizer: re-colher, colher de novo, voltar a colher o que tínhamos. Estamos nessa fase: de voltarmos para casa, para onde começamos a viver e a conviver com os nossos. Algo que só foi possível por meio do cuidado, do diálogo, do companheirismo, das relações conflituosas, mas carregadas de afetos, de cumplicidades, de respeito e de amor. Essa é a fase de re-colhermos esses antigos valores fundantes da vida e de preparo para lidar com o mundo lá fora. É hora de colhermos de novo, novamente.

Arisco-me a dizer que, mesmo sem querer, talvez nós já desejássemos essas mudanças em nossas vidas e no mundo. Talvez aquilo que procurávamos lá fora, estivesse em algum lugar aqui dentro. Portanto, este é também um momento para uma conversão do olhar: olhar para dentro. Volto a dizer: talvez este seja o grande problema gerado por essa pandemia virótica: mudar nossos hábitos, nossos valores, nossas percepções, nossas emoções, nossos entendimentos, nossas crenças e nossas formas de ser e de viver-juntos. Mudar e aprendermos a lidar e a cuidar de nós mesmos e uns dos outros.

Mais uma vez repito. Não tínhamos tempo para nós, para ficarmos com nossos filhos, para lermos um livro, para brincar, para descansar, para dormir sem hora para acordar, para cuidar do corpo, da saúde, dos prazeres e dos amores. Foi preciso essa pandemia chegar para nos obrigar a fazermos aqueles questionamentos que o mercado, o trabalho, as técnicas e os sistemas não deixavam: o que estamos fazendo com o tempo que tanto pedimos para ter? O que estamos fazendo com nós mesmos? O que buscávamos com o ritmo de vida que levávamos? O que esperávamos dessa vida de trabalho, de consumo, de vitrines, de likes? O que fazemos com as pessoas que estão ao nosso lado? Será que nossas relações são mesmo constituídas pelo amor, como pensávamos? Será que somos capazes de nos suportar e suportar os outros? A questão não é mais como viver, nem sobreviver. Mas como com-viver.

Talvez estejamos voltando àquele velho tempo em que ouvir histórias dos mais velhos deixava as noites cheias de encantos. Um tempo que passava com as histórias que contávamos ou ouvíamos, e não com os ponteiros apressados dos relógios.

Esse tempo de crise nos chama a atenção para aquilo que estávamos desprezando: o cuidado com as crianças e com os idosos. Exatamente os dois públicos-alvo dessa pandemia. Penso que o Coronavírus é uma doença que veio para mostrar outras doenças que não sabíamos ou não queríamos saber: ansiedade, depressão, medo generalizado, falta de empatia, falta de amor e até a *normose*⁴. Estamos diante de uma doença social e biológica. E também de uma questão de saúde do corpo, da mente e das emoções.

Para quem está chegando agora ao canal da *UERN Talks*, resumo o argumento da minha palestra, dizendo:

É hora de parar. Parar de acharmos que estamos salvos uns dos outros. Parar de acharmos que somos diferentes uns dos outros. Todos nós estamos sujeitos às mesmas pragas, estamos vivendo as mesmas situações. Parar de acreditarmos que a felicidade está sempre em outro lugar que não onde estamos, que ela está fora de casa, no mundo, nas viagens que fazemos, nas coisas que compramos. O Coronavírus mostrou que as coisas mais importantes estão perto de nós: são aquelas que cabem em nosso coração, aquelas que cabem num abraço. Ser feliz, habitar em nosso próprio coração e, mesmo assim, viver pulsando no coração de alguém.

É hora de parar. Parar de acreditarmos que nós somos mais importantes do que os outros. Não é mais a minha saúde que importa, mas a saúde do outro. Se o outro não estiver infectado eu também não estarei. Se o outro não estiver com saúde não terei a minha. Portanto, cuidar do outro é também uma forma de cuidar de si mesmo. Aquilo que fazemos aos outros, fazemos a nós mesmos, também. Momento importante de reafirmarmos a máxima: não existe eu sem nós! O Coronavírus veio nos dizer que estar na hora de cuidar do corpo, mas que não existe corpo sadio com mente cheia de emoções perturbadoras. Estamos lutando para termos saúde física, corporal, mas a grande saúde da qual precisamos hoje é a saúde mental e, por conseguinte, social e emocional.

É hora de parar. Parar para olharmos melhor o que realmente importa para cada um de nós. Não estamos falando em bens materiais, mas em bem-estar psíquico. Parar e darmos mais atenção aos velhinhos para os quais não temos tempo. Estamos deixando de aprender com essas pessoas que carregam o tempo em suas memórias e peles.

⁴ O conceito de *normose* refere-se a certo tipo de comportamento humano excessivamente normal. O sujeito obedece, inquestionavelmente, às normas sociais e culturais e, assim, busca viver correspondendo o tempo todo, a imagem que a sociedade ou os outros tem dele como alguém perfeito, ideal, de bem etc. Nesse aspecto, o sujeito que sofre de *normose* não vive o conflito indivíduo X sociedade, o que gera vários tipos de doenças psíquicas e diversas somatizações no corpo.

Precisamos escutar melhor essas vozes para as quais estávamos surdos, vozes que carregam tempos que não vivemos. Vivíamos nos orgulhando em dizer que “não tenho tempo”. Mas chegou o tempo de que precisamos dar um tempo ao tempo, para não perdermos a vida.

É hora de parar. Porque nosso maior inimigo tão minúsculo, não estar armado e não pode ser visto nem localizado com precisão. Estamos, todos nós, ameaçados por aquilo que não vemos. Estamos desarmados diante de um inimigo que pode nos vencer sem armas.

É hora de parar. Porque chegou o tempo dos pequenos gestos solitários se tornarem grandes gestos solidários. É tempo das forças fracas, das pequenas fontes de resistências enfrentarem a crueldade desse mundo. É tempo de pararmos para continuarmos. É tempo de cuidar do outro e de ser cuidado pelo outros, porque aqueles que se cuidam vivem mais.

É hora de parar. Parar com essa ideia de que estamos sozinhos, que podemos fazer o que quisermos. Não estamos sozinhos nessa crise, não podemos fazer algo que possa prejudicar os outros. Minha vida depende de sua vida. E vice-versa. A liberdade não é mais necessária do que a segurança.

Há certo provérbio popular que diz: *se quiser ir rápido vá sozinho. Mas se quiser ir longe vá acompanhado.* O Coronavírus mostrou que a coisa mais importante não é ir rápido. Foi a rapidez dessa sociedade, dessa cultura de massas, que massificou e espalhou o vírus para todos os continentes. O vírus é rápido. Se acalmar pode ser um meio de enfrentá-lo. Essa pandemia mostrou que só poderemos ir longe se formos todos juntos. O mais importante não é irmos rápidos, mas ficarmos unidos, estarmos juntos, caminhamos lado-a-lado, sem precisar, necessariamente, de dar as mãos. Chegou o tempo de cuidarmos uns dos outros, senão iremos desaparecer. Chegou o tempo de salvação. De salvarmos não a economia, mas de salvarmos as pessoas. O Coronavírus traz uma verdade que aceitamos como mentira sobre nós mesmos.

Obrigado a todos vocês que acompanharam essa fala...

Referências

CONTARDO, Calligaris. **Coronavírus como metáfora.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/2020/03/coronavirus-como-metafora.shtml>

COUTO, Mia. **Murar o medo.** Conferência do Estoril, 2011. Disponível em: <https://papodehomem.com.br/mia-couto-ha-quem-tenha-medo-que-o-medo-acabe/>

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923).** Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

KRISHNAMURTI, J. **A educação e o significado da vida.** Tradução: Hugo Veloso. São Paulo: Cultrix, s.d.